



ANTÔNIO MARIA: crônicas, memórias e Rio de Janeiro

Ms. Raquel França dos Santos Ferreira
Pesquisadora da Fundação Biblioteca Nacional-RJ

RESUMO

O presente artigo tem como proposta observar memórias de Antônio Maria sobre Pernambuco e Rio de Janeiro, bem como as suas experiências profissionais descritas em crônicas que nos auxiliam a desvendar um pouco dos imaginários sociais cariocas construídos na década de 1950.

Palavras-chave: Antônio Maria; Crônicas; Memórias; Imaginários Sociais.

ABSTRACT

This paper has, as purpose, to observe some memories about Pernambuco and Rio de Janeiro, as well as the professional experiences of Antônio Maria at his chronicles that allows us to reveal some of the social imaginaries, about Rio de Janeiro, that have been constructed since 1950.

Keywords: Antônio Maria; Chronicles; Memories; Social Imaginaries.

Antonio Maria e crônicas:

Ao escrever suas crônicas, Antônio Maria – pernambucano que se estabelece definitivamente no Rio de Janeiro em 1947 e acumula ainda as profissões de ‘speaker’ esportivo, compositor, produtor de rádio e tv – focalizou temas como: rádio e tv, vida noturna na Zona Sul carioca, vivência em Pernambuco, saudade etc., contando-nos um pouco de suas memórias e de seus interesses. Sobretudo, ajudou a desenhar um pouco das imagens que temos sobre o Rio de Janeiro daquela época.

A partir das crônicas de Antônio Maria sobre suas experiências no Rio de Janeiro e sua vida em Pernambuco, foi possível resgatar algumas das imagens e das memórias que ele nos deixou e que lançavam críticas ao ideal do Rio de Janeiro como ‘cidade maravilhosa’ – ideal este presente em projetos urbanos de autoridades, desde fins do século XIX e início do século XX, pelo menos, como se pode ver no artigo abaixo produzido a partir de uma visita feita a Alfred Agache pelo senhor J. A Mattos Pimenta:

Indubitavelmente o plano geral de transformação e desenvolvimento de nossa cidade, projectado para ser concluído dentro de 30 a 50 anos, constituirá um forte e nobre élo entre a geração de hoje e as gerações vindouras, encadeando os sentimentos da nacionalidade, desenvolvendo a consciencia social do povo, fortalecendo enfim a alma brasileira. (...)

(...) Mas o Rio de Janeiro de amanhã será também o recreio e a ventura dos forasteiros que desejem nutrir o espírito e encher o coração. Será o grande orgulho do Brasil e a mais linda metrópole do mundo (O CRUZEIRO. 10/11/1928, p. 31-34)

Ideal aquele também presente na mentalidade popular, traduzida nos versos da marchinha de carnaval ‘Cidade Maravilhosa’, composta por Antonio André de Sá Filho, ou André Filho, anos depois, em 1934, e consagrada como hino oficial do Estado da Guanabara pelo então governador Carlos Lacerda, no ano de 1960.

Cidade maravilhosa
Cheia de encantos mil

Cidade maravilhosa
Coração do meu Brasil.

Berço do samba e das lindas canções
Que vivem n’alma da gente

És o altar dos nossos corações
Que cantam alegremente.

Jardim florido de amor e saudade
Terra que a todos seduz

Que Deus te cubra de felicidade
Ninho de sonho e de luz

As crônicas, por causa de sua escrita do ‘casual’, pela busca daquilo que passa despercebido na sociedade, pelo tratamento dado ao breve, aproximando-o do perene; abrem portas e janelas para que se possa tentar desembaraçar alguns fios da complexa malha social que nos envolve, com imagens, memórias, identidades de quem as escreveu.

Além disso, crônicas nos contam um pouco do cotidiano¹ de certas sociedades que as utilizam como forma de expressão e, ao estarem vinculadas a meios de comunicação de massa, circulam de forma abrangente, enriquecendo a si mesmas e aos imaginários sociais, sendo parte constitutiva de um conjunto de representações construídas socialmente, sobre acontecimentos, eventos, situações ligadas a interesses de determinados indivíduos e/ou grupos sociais (BACZKO, 1985).

São datadas. Têm dia e hora para deixar de existir: o dia seguinte ao da sua publicação, quando sai o primeiro matutino. São pequenas, escritas, às vezes, em tom desagradável, de deboche, simplificadas em seu linguajar, cortadas pelo revisor... Mas foram escritas. E, o melhor, foram lidas! Por causa do incessante trabalho seletivo dos homens e das memórias, algumas ficaram esquecidas, perdidas. Outras, no entanto, ficaram marcadas em quem as escreveu ou leu. Muitas foram guardadas e, com elas, ficaram as marcas deixadas por uma época. Vejamos algumas delas!

Antônio Maria e memórias:

Anteontem à tarde, quando escrevia esta crônica para *O Jornal*, talvez a última de sua agitada vida de impenitente amante da beleza e inimigo irredutível das coisas convencionais, Antônio Maria suplicava por um pouco de poesia para descrever mais uma figura humana - o seu assunto predileto.(...) De poesia era um Midas, um perdulário Midas que em tudo que tocava convertia em lirismo (...). Aí está a última crônica de Antônio Maria. O seu último jornal. (...) É com tristeza que publicamos esta edição do *Jornal de Antônio Maria*. Some daqui um traço constante de alegria, de exaltação à beleza e de exuberância humana. Todos sentimos profundamente a sua irremediável partida. Os seus companheiros de jornalismo, os seus leitores, todos².

¹ - Que aqui será utilizado na perspectiva de Agnes Heller, ou seja, vivência social heterogênea e hierarquizada, pautada na repetição e na regularidade de ações (HELLER, 1989).

² Nota publicada pelos editores de *O Jornal* na edição do dia 16.10.1964.

O speaker esportivo, compositor, repórter, cronista, diretor e produtor de programas de rádio e tv, boêmio incontido, poeta irônico e sensível, enfim, o ser humano, partia. Procurou viver intensamente as alegrias da vida e, profundamente, as dores que lhe abateram. Mas a partida não é o suficiente para dar conta da personalidade forte do pernambucano Antônio Maria Araújo de Moraes e de sua obra. Sua chegada é que interessa!

Rio de Janeiro, capital do Brasil, ano de 1940. Henrique La Roque de Almeida, radialista, chegando de Pernambuco a bordo do Almirante Jaceguai, desembarca trazendo consigo lembranças da viagem. Convencera os amigos Antônio Maria e Fernando Lobo a virem com ele, para tentar sucesso no ‘Sul’.

Um relato do próprio Antônio Maria nos fornece suas primeiras impressões:

Em 1940, seu bom amigo Henrique La Roque de Almeida, o trouxe para cá, dando-lhe um lugar de speaker esportivo. Desembarcou no Itaimbé, a 20 de março, vestindo terno azul de linho (faiscante ao sol), camisa branca de listas vermelhas (as listas eram tão grossas, que a camisa também pode ser descrita assim: vermelha com listas brancas) e chapéu marron. Seu importador (La Roque) ofereceu-lhe um bonito passeio de automóvel e um almoço, no Rincon Argentino, onde o recém-chegado, ao cotejar seus trajes com os demais, achou que os cariocas se vestiam muito humildemente (camisa vermelha, listas brancas ou vice-versa) (O JORNAL.13/07/1951).

A capital do Brasil, com mais de um milhão e meio de habitantes na época, recebeu Antônio Maria com seus dezenove anos - completos a 17 de março daquele ano. Filho dos agricultores pernambucanos Inocêncio Ferreira de Moraes e Diva Araújo de Moraes, Maria - como seria chamado pelos amigos mais tarde —, que havia iniciado sua carreira de ‘speaker’ esportivo na Rádio Clube de Pernambuco em 1939, chegava ao Rio com olhar deslumbrado:

Eis a história: esse cronista e Fernando Lobo moravam num apartamento na Cinelândia. Chegávamos do Norte, fazia pouco tempo, e víamos tudo com olhar espantado, com deslumbramento, sem um mínimo de serenidade que nos permitisse ambição, e ouvíamos rádio. Tomávamos parte em concursos telefônicos, fazíamos molecagem nos rádio-bailes (...) e ficamos ali, rindo dos outros, mandando subir mil laranjadas do ‘Mestre-Valentin’, mas sem emprego (O JORNAL, 07/04/1950).

A esta época, seu ambiente principal eram as ruas do Centro da cidade, especialmente a área da boemia, na Lapa, que estava no auge de sua vida noturna, lotada de ‘malandros’ em seus becos escuros, de prostitutas que circulavam pelos bares e prostíbulos, de terreiros... Havia batidas policiais, perseguições, mas a Lapa fervia.

O visual da ‘zona sul’ encantava os ‘nortistas’ recém-chegados, mas ainda era uma realidade distante para Maria que, sem emprego definido, não tinha condições de frequentar os caros divertimentos de sua vida noturna.

Porém, as brincadeiras e festinhas em seu apartamento eram constantes e animaram sua estada na cidade até princípios de 1941 quando, por causa de uma destas festinhas, ele foi preso, como conta nesta passagem:

Em 18 meses de Rio, morou em 4 apartamentos - edifícios: Orânia, Souza, Orion, Andraus - e de todos se mudou a pedido da vizinhança. A maior injustiça que sofreu na vida foi ter sido preso, aos 19 anos, por um irmão do senhor Amílcar Dutra de Menezes, que, alcoolizado e abusando do cargo de secretário do chefe de polícia, ainda o fichou por vadiagem. Mesmo assim perdoou o seu algoz que faleceu, depois, por si mesmo, isto é, de morte morrida (O JORNAL,13/07/1951).

No dia seguinte à sua soltura, já estava de malas prontas para a volta a Pernambuco. Voltar às raízes para começar de novo. Chegando lá, começou a trabalhar como cronista em um jornal do Recife, através de 'pistolão'. Seu retorno ao Rio, agora definitivo, não tardaria. Em 1947, já casado com Maria Gonçalves Ferreira e pai de dois filhos - Antônio Maria Filho e Maria Rita -, volta ao Rio para tentar novamente a sorte e começa a trabalhar em rádios como a Tupi, produzindo 'jingles' e transmitindo partidas de futebol, inclusive a trágica partida Brasil x Uruguai, três anos depois, na final da Copa de 1950, em que o Uruguai sagra-se campeão ao vencer por 2 a 1.

Continua sua carreira de cronista iniciada no Recife, logo após o seu retorno, e passa a escrever crônicas para *O Jornal*, "empresa líder dos Diários Associados" - grupo de periódicos de abrangência nacional, criado e presidido pelo jornalista Assis Chateaubriand.

Seus sambas e canções, em parceria com Fernando Lobo, Ary Barroso, Vinícius de Moraes, seriam compostos em fins da década de 1940. Notadamente os 'contos de réis' que lhe rendiam os trabalhos no jornal e no rádio ainda não eram suficientes para manter o luxo que a vida noturna da 'zona sul' demandava, mas as coisas haviam mudado drasticamente. Não só na vida de Maria, mas também a situação do espaço urbano no Rio de Janeiro.

Para a cidade, convergiam os olhares e os interesses sócio-políticos e culturais do Brasil, pois era a capital. Desde meados da década de 1920, a 'zona sul' despontava no imaginário social como local ideal para moradias, pois estaria longe da agitação dos bairros do Centro, como a Lapa, com seus inúmeros cortiços, 'malandros', batidas policiais, 'rolos' em frente a casas de espetáculos. Copacabana cresceu vertiginosamente, abrigando, além de moradias de classe média-alta, casas de espetáculos - inicialmente de influência européia - constituindo-se em um possível exemplo concreto do que Baczko chamou de 'lugares

privilegiados em que se constituem discursos que veiculam os imaginários sociais’, já que as cidades são ‘uma projeção dos imaginários sociais no espaço’ (BACZKO, 1985, p.312-313).

Enquanto na década de 1920 a Lapa era a rainha da boemia, nos primeiros anos desta mesma década, Copacabana ainda era um ‘deserto’. Havia apenas a construção da igrejinha de Nossa Senhora de Copacabana e, em 1923, o Copacabana Palace foi inaugurado. Um trecho de calçada com pedras pretas e brancas beirando a praia, semelhante ao atual e famoso calçadão, também é construído na década de 20.

A exploração imobiliária do local acompanha o desenvolvimento capitalista. O novo bairro serviria para “forjar o novo modo de viver do carioca” (DEZOUZART, 1986, p.14), o qual foi atrelado à idéia de que o centro da capital e os bairros ao seu entorno estariam infectados pelas doenças e pelos malefícios da vida de uma grande cidade. Copacabana, pela sua proximidade ao mar, proporcionaria um maior contato com a natureza e estaria mais perto de um ideal de vida saudável. Na década de 1930, o desenvolvimento do bairro estaria consolidado com abrangente malha viária e, já em 1935, aparecem as primeiras aglomerações de favelas, nas encostas do morro do Inhangá.

Segundo Elizabeth Dezouart, “a vida noturna fora do centro do Rio começou em Copacabana, a partir de 1950, com a abertura de um grande número de bares, restaurantes, boates” (DEZOUZART, 1986, p.101).

Justo na década de 1950, os interesses de Maria haviam mudado: não queria apenas a profissão de speaker esportivo, queria também o reconhecimento por suas outras produções. Suas amizades proliferavam pelo meio artístico de onde, não raro, vinham pedidos por figurações em seus programas e crônicas. O dueto boemia/trabalho estava constantemente presente na sua vida diária, porque escrevia crônicas sobre a vida noturna, utilizando-se de informações adquiridas em suas peregrinações noturnas por Copacabana, como na crônica “O Giro da Noite”:

O pior dos giros da noite é aquele que a gente dá, sem entrar nos bares e boites. Experimente passear em Copacabana, depois das 10. É uma procissão das mais tristes. (...) O desfile do meretrício acabou de uma vez com aquele hábito burguês de passear na praia.

Vão ver Copacabana. A beleza acabou naquela praia. Quer ver o que eu vi, faça o que eu fiz: correrá para o L’Escale para se abrigar da noite (O JORNAL, 29/11/1950).

Em seu percurso profissional viu e ouviu muitas críticas, especialmente ao rádio brasileiro e às suas programações que, para Antônio Maria, estavam em período de franca decadência mesmo antes da chegada das transmissões televisivas ao Brasil. Defendia o rádio ardorosamente,

mas também apontava suas falhas, com zelo quase paternal, visando melhorar a qualidade dos programas de rádio:

Para a história do mau nível intelectual do rádio, não há uma defesa ampla. Temos que nos penitenciar por certos programas de auditório, pelas chamadas 'horas do coração para o coração' - com ensinamentos para as batalhas do amor - e também pela maioria das novelas. E elas - as novelas - são tão engraçadas! Cada capítulo acaba com um turbilhão de perguntas assim: "Ricardo terá encontrado seu boné? Onde estaria a dentadura de dona Gertrudes? Pedro voltará? Quem vencerá: Vasco ou Corinthians? (O JORNAL, 17/01/1950)

Além de sua passagem pelos círculos referentes ao rádio brasileiro, também fez incursões em outro meio de comunicação de massa: a televisão. Maria esteve encarregado da direção da TV Tupi, trabalhando com a parte burocrática, listas de compras para cenários, de arranjos de programas, enfim, nada ligado diretamente à escrita de programas. Aí o dilema: sentiu saudades dos programas de rádio!

Este cronista vem de um mês e doze dias na direção TV. O trabalho era fazer contas de somar, visar comprovantes, mandar filmar homens e coisas e idealizar programas que outros escreviam ou armavam. Então, veio a saudade do rádio. (...). Então, senti, em manchetes, a falta dos meus programas. As histórias que eu contava, a requintada naturalidade dos meus diálogos, (...); depois os artistas que viviam meus monstros de ficção. Via-os andar pelos corredores da rádio e sabia com um ciúme doente, que eles estavam lendo o que outros escreviam.

Enquanto isso, no bureau da direção-TV, contas agressivas esperavam o meu visto: 'aluguel de uma fantasia de Luis XV - 500,00; uvas e maçãs para a mesa da peça O BANQUETE - 40,00.

Fui ficando com uma cara triste, um jeito sem graça, até que, diante de quem podia me aliviar da cruz, meus olhos ficaram pidões e minha boca disse palavras assim, numa sonoridade que devia ser infantil:- 'Doutor, deixe eu voltar para os meus programas' (O JORNAL, 14/02/1951)

E, a conclusão de sua passagem por cargos de direção em emissoras de rádio e tv, narrada por ele, a um leitor do Grajaú:

Já foi diretor das seguintes estações: Ceará Rádio Club, Rádio Sociedade da Bahia, Tupi, Tamoio e TV Tupi. Não pretende dirigir mais nada - a não ser o seu automóvel - a menos que lhe dêem um salário, emocionantemente, grande. (O JORNAL, 13/07/1951)

Com relação a sua terra natal, o Recife, Maria possuía uma relação bastante saudosista. A cidade abrigava uma das filiais dos Diários Associados - *Diário de Pernambuco* - e também foi cenário da instalação de emissoras de rádio de âmbito nacional, como a Rádio Tamandaré-Recife. Cada projeto de emissoras para regiões nordestinas era festejado pelo autor que demonstrava preocupação com a situação de seus conterrâneos.

Não são raras as comparações entre Rio de Janeiro e Pernambuco, onde este era lembrado com nostalgia, saudosismo. Ao Rio, decepções...

Nascemos e fomos criados numa família que estava sempre esperando 'qualquer coisa'. 'Qualquer coisa', no Recife, era um sinônimo de tiroteio, que se dizia discretamente, como uma senha, para não assustar as crianças, as mulheres e os velhos da casa. (...).

Recife foi uma cidade que viveu em guerra até 1935. Guerra mesmo, com bandeiras, tiroteio e sangue, entre duas nações e dois povos, que se chamavam Exército e Polícia. O 21º Batalhão de Caçadores, ou 21, simplesmente, não se podia encontrar com a Força Pública Estadual – a Polícia – que não houvesse tiroteio. Nunca houve uma Festa do Carmo sem metralhadora cantando no vento alto da noite. Bala de fuzil assoviando nas cumeeiras das casas. (...). Bastava que um praça embriagado roçasse o ombro de outro praça. Um palavrão. A pancada de ferro, de um sabre contra o outro e, lá na esquina, já a metralhadora começava a cantar, como se estivesse esperando ordem de fogo.(...)

Anteontem, aqui no Rio, de madrugada, disseram que os tanques marchavam a caminho da cidade. Um alvoroço, em meu coração. Uma felicidade de criança, porque todas as revoluções iam se repetir dentro de mim e, com elas, minha casa, meus tios, meus irmãos, o manso olhar de minha mãe (...). Não vieram tanques, não aconteceu nada e mais uma vez me convenci de que guerreiros mesmo só houve, no Brasil, os soldados da Força Pública e do 21º BC. Fomos dormir paulificados de não ter havido nada, já que tanto esperamos 'qualquer coisa'. (O JORNAL, 05/12/1959)

Sua infância, vivida em meio às vantagens de ser filho de um rico usineiro pernambucano, acabaria tendo revezes quando seu pai perdeu tudo:

Meu pai adivinhou uma alta, comprou o açúcar que pôde. O preço do saco de 60 quilos chegou a 50, 70, 80, 90, 100 (meu pai queria mais - 110, 120) e, no dia seguinte, desceu para 15. O jeito foi vender (...). Amanhecemos pobres. (SANTOS, 1996, p16)

A partir de então, sua vida seria uma busca incessante pela poesia, mas também pelo sustento. Em princípio, seu próprio sustento. Depois, sustento da família. Para isso, trabalho frenético, constante. Enquanto tomava um uísque no Sacha's, bolava sua crônica para o dia seguinte, compondo músicas com seus companheiros de 'trabalho noturno'. 'Roubava' idéias de outros, para seus programas de rádio. Compunha 'jingles' para as mais diversas empresas.

Saía à noite para beber, mas não saía sozinho. A esposa reclamava, alegando que ele a deixava em casa por vergonha. Maria era boêmio, e um dos traços da boemia era a infidelidade. Em seu diário relata noites e noites em que passou ao lado de 'outras'. Excluía dos seus relatos a identificação das pessoas, mencionando apenas as iniciais de seus nomes. Teve em seus braços mulheres belas, artistas, 'socialites' cariocas. Suspeitava que sua esposa desconfiasse de seus casos, mas não ousava tocar no assunto.

Poeta. E, como a maioria dos poetas, solitário. Mesmo quando rodeado de amigos, ou mesmo da esposa e filhos:

‘Às vezes, me sinto muito só. Sem ontem e sem amanhã. Não adianta que haja pessoas em volta de mim. Mesmo as mais queridas.

Só se está só ou acompanhado, dentro de si mesmo. Estou muito só, hoje. Duas ou três lembranças que me fizeram companhia, desde segunda-feira, eu já gastei. Não creio que, amanhã, aconteça alguma coisa de melhor’. (MARIA, 2002, p.69)

Sua última crônica, “Uma velhinha”, citada pelos editores de *O Jornal* na nota utilizada no início desta apresentação, descreve uma senhora, muito semelhante a ele mesmo, em certas atitudes:

... se trata de uma velhinha de ‘muito valor’, professora de inglês, francês e alemão, mas uma ‘grande criadora de casos’. (...)

Não negocia sua comodidade, seu conforto. Não confia nas louças e talheres daquele restaurante de aparência limpíssima. Paciência, traz de sua casa, lavados por ela, a louça, os talheres e o copo de prata. Um dia o garçom lhe dirá um palavrão? Não acredito. A velhinha tão bela e frágil por fora, magrinha como ela é, se a gente abrir, vai ver, tem um homem dentro. Um homem solitário, que sabe o que quer e não cede ‘isso’ de sua magnífica solidão (O JORNAL, 16/10/1950)

Criador de casos; contudo, frágil. Antônio Maria, ‘cardisplicente’, como se intitulava, faleceu, solitário, em Copacabana, no caminho para uma das casas noturnas mais badaladas do bairro. Uns dizem: morreu por causa de um amor não correspondido. Partiu, e o motivo foi um infarto do miocárdio, na madrugada de 16 de outubro de 1964.

Crônicas, memórias e Rio de Janeiro:

Antônio Maria, como muitos de seus conterrâneos, veio para o Rio de Janeiro buscando melhorar de vida. Em sua permanência no Rio observa-se um processo de transição/adaptação ao imaginário social carioca, no qual valores novos e descobertas variadas chocaram-se muitas vezes com seus valores morais, adquiridos em Pernambuco, já que ele fazia parte de um sistema de valores peculiares ao imaginário social pernambucano pois, segundo Baczko, enquanto o ‘dispositivo imaginário’ é interiorizado pelos indivíduos, ele ‘suscita a adesão a um sistema de valores’ (BACZKO,1985, p.313). Nestes momentos de confronto interior – inerentes àquela transição / adaptação - ele retornava à sua cidade natal, em pensamento, para se manter em contato com um passado ‘reconfortante’, através das memórias que formavam e consolidavam suas identidades de homem-pernambucano-‘exilado’.

Enquanto o Rio de Janeiro correspondia às suas expectativas, ou seja, durante sua primeira estada na cidade (1940-1941), Maria prosseguia retratando os aspectos positivos da cidade. Em princípios da década de 1950, decepcionado com a cidade, em suas comparações começam a prevalecer as imagens nostálgicas de sua terra natal e as críticas sobre o Rio de Janeiro. Em 1955, ele chega mesmo a ‘desabafar’, pedindo a Recife que continue com sua ‘pureza antiga’:

Minha cidade tinha uma noite vazia e pequena. Se não íamos ao cabaré (tomar cerveja) voltávamos para casa à meia-noite, caminhando pela Rua Nova, atravessando a Ponte da Boa Vista, falando em namoradas. O rio Capibaribe passava aos nossos pés, carregando lentas barcaças de açúcar (...). Hoje, o Recife tem ‘boite’ na Boa Viagem, cronistas sociais e suas ‘10 mais elegantes’. A pureza daquelas noites de sossego, certo, foi destruída. A autenticidade dos homens da terra foi engolida pela influência dos jornais daqui. Recife (...). Eras a nossa esperança de refúgio. Agora, quando eu me cansar das ‘champanhotas’, para onde eu vou? Onde poderei encontrar-te com a pureza antiga? (O GLOBO, 14/02/1955).

Desde que começa a escrever para jornais pernambucanos, em 1941, Maria faz um ‘passeio’ por inúmeros periódicos, entre revistas e jornais. Esse ‘passeio’ aconteceu devido a vários motivos, especialmente os de ordem financeira. Além disso, trabalhava de forma intermitente para os jornais e revistas, por vezes permanecendo apenas alguns poucos meses em determinados periódicos. No Rio de Janeiro, dá prosseguimento à sua carreira escrevendo para *O Jornal*, *O Globo* e *Última Hora*, e para as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* assinando, na última, a coluna “Pernoites”.

Maria deixou a trajetória de seus interesses como cronista:

Comecei no Recife, em abril de 1941, via pistolão, após receber de volta onze crônicas que entreguei, pessoalmente ao secretário do jornal. Fui publicado, afinal, descrevendo uma mulher que vira na Rua Nova e que face a ela me colocara ‘com a humildade de um mendigo diante de um prato de comida’. A imagem fez muito sucesso entre quatro ou cinco amigos, na calçada da Fênix, Recife. (...) Faço, hoje, vinte anos de cronista. (...) Meu leitor não é mais a moça educada no Sacré-Coeur. É o portuário Porfírio. É o candango demitido em Brasília. É a funcionária pública, cujo salário não lhe paga o almoço na cidade. É uma gente que existe. A viver males que existem. (...) Faz-me bem, (...), saudar o novo público de carne e osso. (ÚLTIMA HORA, 5/4/1961).

O Rio de Janeiro tornou-se uma espécie de paradigma de civilização a ser seguido por toda a sociedade brasileira – mesmo que este paradigma tenha se baseado em imagens e valores europeus estereotipados, na virada do século –, aproximadamente, desde a época da proclamação da República e da consolidação das aspirações nacionalistas, que viriam nos anos seguintes. Na cidade convivem o dia – o trabalho para o progresso, cidade cheia, a Capital administrativa do país – e a noite – o lazer, a luxúria, o obscuro, locais de trabalho e lazer para muitos cariocas.

Copacabana despontaria, na década de 1930, como um último refúgio das tradições do carioca e de suas aspirações pelo moderno. Seu grande potencial de ligação entre trabalho – pois conta com malha viária satisfatória para fazer a união lar/local de trabalho – e lazer por sua proximidade ao mar, e pela quantidade de restaurantes, bares, cafés, casas de espetáculo – seria explorado ao extremo, em canções, artigos, obras literárias, crônicas, programas de rádio e tv. Mas havia quem duvidasse deste seu potencial, como Rubem Braga na crônica ‘Ai de Ti Copacabana’:

Ai de ti, Copacabana, porque a ti chamaram Princesa do Mar, e cingiram tua fronte com uma coroa de mentiras; deste risadas ébrias e vãs no seio da noite. Grandes são teus edifícios de cimento, e eles se postam diante do mar qual alta muralha desafiando o mar; mas eles se abaterão.(...) Os gentios de teus morros descerão uivando sobre ti, e os canhões de teu próprio Forte se voltarão contra teu corpo, e troarão; mas a água salgada levará milênios para lavar os teus pecados de um só verão (BRAGA, 1999, p.81-82).

Aproveitei esta crônica de Rubem Braga, cronista contemporâneo e amigo de Antônio Maria, escrita em 1960, para sublinhar com ela acontecimentos que o próprio Maria nos relataria em suas crônicas e para marcar o quanto os comentários de Maria revestem-se de tom pejorativo sobre Copacabana, numa fase em que ele tratou de aguçar suas críticas sobre a cidade.

A Copacabana, já não era mais a ingênua ‘Princesinha do Mar’. Haviam-na feito mulher. Pior, prostituíram-na. Em seus calçadões, em suas ruas, na praia, a noite era a imagem da libertinagem que chocava a quem passeava tranqüilamente. E, mesmo de dia, algumas leis para proteger a moral e os bons costumes foram elaboradas, para evitar que mocinhas vagassem pelas ruas em trajes de banho, ou rapazes sem camisa (SANTOS, 2000).

Assim como nas revoluções, no choque entre modernidade - que trazia progresso material dentro de uma sociedade que se mantinha hipocritamente conservadora no tocante às atitudes individuais — e o imaginário social em formação - num movimento de derrubada do simbólico dominante, especialmente entre as faixas etárias mais jovens -, podemos perceber, segundo Baczkó, a formação de novos símbolos que enriqueceriam o imaginário social carioca (BACZKO, 1985) — especialmente aqueles que pregavam a liberdade extrema, no caso de Copacabana.

A ‘juventude transviada’ escandalizaria o dia-a-dia da Zona Sul, com suas lambretas, suas festas ao som das baladas de Elvis Presley e das frases de James Dean, suas atitudes alheias à moral imposta pela sociedade de então. Copacabana sofre com o mal da superpopulação, com o mal do descontrole social: ‘(...) a praia de Copacabana está em sua fase mais concorrida de

‘trottoir’. (...) O que é feio, dentro da noite de Copacabana, é a mercadoria de mulheres tristes, (...), gritando aos pregões de amor degradado’ (O GLOBO, 13/1/1955).

Se a noite em Copacabana apresenta-se degradante, o dia também não se apresenta muito animador, do ponto de vista de Antônio Maria:

Amanhece em Copacabana, e estamos todos cansados. (...) Ah! Que coisa insuportável, a lucidez das pessoas fatigadas! Mil vezes a obtusidade dos que amam, dos que nos cegam de ciúmes, dos que sentem falta e saudade(...) As pessoas e as coisas começaram a movimentar-se. A moça feia, com seu caniche de olhos ternos. (...) O bêbado que vem caminhando, com um esparadrapo na boca e a lapela suja de sangue. (...) O banhista gordo, de pernas brancas, vai ao mar cedinho, porque as pessoas da manhã são poucas e enfrentam, sem receios, o seu aspecto. Um automóvel deixou uma mulher à porta do prédio de apartamentos – pelo estado em que se encontra a maquiagem, andou fazendo o que não devia. Os ruídos crescem e se misturam. Bondes, lotações, lambretas e, do mar, que se vinha escutando algum rumor, já não se tem o que ouvir (ÚLTIMA HORA, 12/09/1959).

Maria nos deixa entrever alguns dos tipos que rondam Copacabana, tanto à noite, quanto de dia. São tipos muito diferentes dos descritos quando fala sobre Pernambuco, com suas ‘moças de laços de fita no cabelo’, dando uma idéia de ingenuidade, contrastante com a mulher carioca que é deixada à porta de casa com a maquiagem em estado suspeito. Mais além: o Rio de Janeiro se apresenta, para Maria, como uma cidade ‘decadente’, por causa de sua aglomeração de tipos estranhos, atitudes desmedidas, esgotada em sua beleza por causa da atuação humana, com seus ruídos, suas caras feias, gordas. Sua ‘lucidez de pessoa fatigada’ havia lhe aberto a visão para aquilo que ele não enxergava anos antes, enquanto esteve fascinado pela beleza da paisagem e pelo status que Copacabana possuía. Sem a cegueira da paixão, veio à tona a realidade, que não se apresentava mais tão doce como no tempo em que ele era um jovem pernambucano, em busca de ascensão social - ele havia se tornado apenas mais um ‘indivíduo’ (DAMATTA, 1997), como tantos outros. Copacabana aparece, então, como espelho do Rio de Janeiro, refletindo os problemas que quase a totalidade dos habitantes da ‘cidade maravilhosa’ enfrentava em seu cotidiano.

Em 1959, quando retoma a escrita da coluna ‘Romance Policial de Copacabana’, para o jornal *Última Hora* - trabalho interrompido antes de 1959 por motivos não explicados -, Maria nos dá uma visão extremamente oposta sobre o que havia dito nos anos anteriores sobre Copacabana, e parece ter recobrado a paixão que teve pelo bairro, nos anos de sua juventude. Uma de suas crônicas, ‘Copacabana Mal Compreendida’, começa fazendo elogios ao bairro, classificando-o como ‘cidade’, que poderia ser tido como um bairro ‘pacato’, pois não se assemelhava em nada aos subúrbios europeus onde reinavam gangsters e prostitutas:

Com a devida licença do Gabinete do Chefe de polícia (...) o repórter volta ao seu antigo plantão noturno no 2º D.P. Há meses, foram escritas algumas páginas de um romance, que seria interrompido no melhor dos capítulos. A História Policial de Copacabana, cidade de 700 mil habitantes malfamada, no Brasil inteiro, porque, dela, se contavam com exagero, alguns poucos crimes de que foi cenário. (...) Assassinatos, roubos, assaltos, desordens - tudo isso existe - mas em número muito menor que, por exemplo, em Montmartre (...). Imagina-se por aí fora que, de cinco em cinco minutos, cai uma desiludida de amor das altas janelas da avenida Atlântica. (...) Que uma ou duas vezes por semana, uma filial de banco foi assaltada misteriosamente, por jovens delinquentes da irremissível 'juventude transviada'(...) Copacabana é pacata por excelência. Roubam-se automóveis, amantes se esbofeteiam, desentendem-se alguns vizinhos, agridem-se uns poucos bêbados da madrugada... e fica nisso o grosso da crônica policial de um bairro tido e havido como celeiro de 'gangsters' e assassinos' (ÚLTIMA HORA, 12/8/1959).

Para escrever estas crônicas, Maria colhia seus dados no 2º Distrito de Polícia de Copacabana, com permissão do delegado Hermes Machado. Os interrogatórios eram assistidos por Maria que, não raro, colhia suas informações das próprias vítimas ou dos próprios marginais. Comparando Copacabana a bairros europeus, Maria não deixa margem para acusações de 'anti-patriotismo', além de assegurar sua permanência como repórter na delegacia, propagandeando o 'excelente' trabalho do 2º D.P., nas ruas de Copacabana.

Após os elogios ao bairro, Maria segue contando os casos diários, ouvidos dentro do D.P., com minúcias de investigador. Eram agressões de bêbados a mulheres 'inocentes', arrombamentos de casas, automóveis, bares, denúncias de prostituição, prisão de 'gangs' de assaltantes, enfim, tudo isto num bairro 'pacato'. Em suas crônicas, Maria não deixa de mencionar os problemas sociais que Copacabana enfrentava. Fosse sutil ou explícito, lá apareciam o desemprego, os crimes, a influência das drogas na sociedade, a prostituição, enfim, toda uma gama de situações presentes no dia-a-dia da cidade do Rio de Janeiro, como um todo. Maria, usualmente, emitia suas próprias opiniões e até mesmo alertava seus leitores para a ocorrência de tal ou qual descaso das autoridades competentes para com a sociedade, como é o caso da denúncia feita na crônica 'Trottoir':

Tinha muita razão o chefe de polícia quando dias depois de sua posse, em entrevista à imprensa e ao rádio, disse que para combater o lenocínio teria, primeiro, de fazer uma série de consultas a educadores, juristas, sociólogos, etc. Mas perdeu esta razão logo depois, quando mandou fechar, do dia para a noite, uma porção de prostíbulos da Zona Sul.(...) Mas, é necessário que voltemos à inteligência e ponderação daquela entrevista, pedindo ao chefe de polícia que cumpra sua promessa de consultar educadores, juristas, sociólogos, etc, antes de enfrentar o problema à base de um sistema apenas policial, método em que fracassaram todos os seus ilustres antecessores (O GLOBO, 13/01/1955).

Esta denúncia nos conta mais um pouco do ponto de vista de Antônio Maria sobre o cotidiano de Copacabana e da própria cidade do Rio de Janeiro: a degradação social que apresentam os bairros centrais e periféricos; as dificuldades que o poder público encontra para resolver problemas de cunho social, como a prostituição, o desemprego, o banditismo. E, convocando as autoridades, Maria também chama a atenção para o distanciamento e para as barreiras existentes entre produção de conhecimento sócio-cultural em meio acadêmico e aplicação prática desta produção, marcada pela falta de diálogo entre poder público e demais instituições sociais, que juntos poderiam tentar resolver os problemas sociais de uma maneira a satisfazer a maior parcela de interesses possível.

Visitando o Segundo Distrito de Polícia de Copacabana, Maria nos denuncia uma outra face dos problemas sociais: aquela que diz respeito à permissividade estabelecida para atitudes tomadas por indivíduos das classes médias urbanas. Segundo ele, um tal 'L.C' - filho de representante de alta patente do Exército brasileiro -, desordeiro, aproveitou-se da posição social que ocupava para praticar atos criminosos sob o efeito de drogas e álcool:

São indivíduos assim que fazem a noite perigosa. (...). A noite não é para ter que brigar contra elementos desclassificados que, pelo corte da roupa, têm acesso em qualquer lugar público.

Como L.C., aos poucos mudam para Copacabana os piores indivíduos da Glória e da Lapa. Chegar a Copacabana é, para o desordeiro, uma espécie de promoção. E eles vêm vindo todos. Começam pelos bares de bebida em pé; passam aos bares chamados de 'inferninhos' e, esgueirando-se pelas paredes, vão chegando ao 'Sacha's' e ao 'Bon Gourmet'. E foi um dia a sagrada paz do boêmio pacato (ÚLTIMA HORA, 16/09/1959).

A ascensão social, que alguns cariocas experimentavam, por conta de melhorias nas suas condições financeiras, tem duas faces: a primeira é que, pela falta de tradição, estes novos ricos tornam-se exemplos de 'promiscuidade', 'deselegância', dentro da elite copacabanense, e incomodam ao 'boêmio pacato' - ainda que aqueles novos ricos pertencessem a classes médias do Rio de Janeiro já desprestigiadas, pela localização de suas antigas moradias.

Uma outra face, contraditória à idéia de excelência de Copacabana, está ligada à frase: 'Chegar a Copacabana é, para o desordeiro, uma espécie de promoção', o que enquadra Copacabana no rol das etapas de marginalização, ocupando um lugar hierarquicamente privilegiado, mas ainda sim, 'para o desordeiro', é mais um degrau a ser galgado.

Drogas, álcool, medicamentos à venda sem controle em farmácias... Mais algumas 'novidades' sobre Copacabana:

Depois das duas da madrugada, é necessário reforço policial, em lugares como 'A Fiorentina', 'O Marrocos' e o famoso 'Beco das Garrafas', na Duvivier. (...). Porque ninguém se iluda. Em Copacabana, além do consumo de álcool (o maior do Rio), aspira-se cocaína, toma-se injeções de morfina, fuma-se maconha (...). Está certo, o repórter, de que, nenhuma outra autoridade estaria prestando melhores serviços a Copacabana. Tivesse mais recursos (precisa ter, Coronel Crisanto) e a vida noturna transcorreria em maior paz, nas casas de diversão e nas ruas (ÚLTIMA HORA, 16/09/1959).

Aí está o bairro 'pacato', do qual Maria havia falado na crônica que foi citada anteriormente, mas que é campeão no consumo de álcool dentro da cidade do Rio de Janeiro, e que precisa de reforço policial nas casas noturnas de maior movimento, a partir de determinada hora da madrugada, pois os efeitos do consumo das drogas se faziam sentir mais violentamente após a meia-noite.

Desde a década de 30, algumas drogas já circulavam dentro das melhores casas de espetáculos de Copacabana. Na década de 40, já se encontram organizadas redes de distribuição destas drogas, especialmente da maconha, por ser um fumo fácil de se misturar a outros. Na década de 50, droga era artifício da 'juventude transviada'. O terreno estaria sendo preparado para o consumo de drogas na década de 60, como um meio de protesto contra a sociedade 'burguesa' conservadora.

Considerações finais:

Ao chegar à cidade, em 1940, Antônio Maria a olhava deslumbrado, como a maioria dos 'turistas' e retirantes que viam na 'cidade maravilhosa' uma chance para o sucesso.

Alguns anos depois, não muito distantes daquele seu primeiro olhar fascinado, o deslumbramento deu lugar à falta de perspectivas. Sua visão sobre a cidade nos alertava: 'propaganda enganosa!'. Aqui se vive como em todo lugar. Segundo Maria, havia beleza, mas ela não aplacava a voracidade do ser humano. Ao contrário, aguçava a ambição. Crimes, corrupção, falta de estilo, discriminação, Copacabana foi 'prostituída' e não se pode falar mal, porque - ainda que a ditadura e a censura não tivessem chegado com força a esta época - poderia soar como anti-patriotismo.

Com seus textos, Maria constituiu-se em um olhar diverso dos demais - assim como o havia tido Lima Barreto, João do Rio e Marques Rebelo, um contemporâneo seu -, fornecendo outras visões menos fantasiosas e mais realistas com relação à cidade.

O Rio de Janeiro continua sendo cantado como ‘cidade maravilhosa’ em termos de sua natureza, mas, a partir de textos como os de Antônio Maria, observa-se a necessidade de marcarem-se criteriosamente os estereótipos e generalizações, para que as diferenças e peculiaridades de cada realidade não sejam cobertas ou dificultem o entendimento e a resolução de problemas encontrados.

Se nós vivemos em uma ‘cidade maravilhosa’, é sinal de que nesta cidade não há crise econômica ou social, todas as normas e valores sociais construídos são respeitados, os cidadãos vivem em harmonia as hierarquias presentes em seu cotidiano. Estamos em um local ‘perfeito’, sem contrastes, sem desigualdades que fossem prejudiciais aos cidadãos. Não seria o caso do Rio de Janeiro, e a propagação desta imagem estereotipada e generalizante dificulta o entendimento de que esta perfeição não existe, pois a sociedade carioca leva em conta valores que são excludentes, cerceadores e homogeneizantes, os quais precisam ser contestados para que a história se mova e novos valores mais interessantes para a coletividade sejam construídos.

Por inúmeras razões, Antônio Maria se faz presente no nosso cotidiano através de suas palavras, mesmo que suas crônicas já não sejam tão conhecidas ou famosas. Digo isto, porque seus temas recorrentes são de uma atualidade flagrante e, salvaguardando as diferenças na política brasileira, na sociedade, na economia, as diferenças entre o mundo de 1950 e o mundo de hoje, as diferentes realidades do Rio de Janeiro - como Capital em 1950 e como figurante entre as principais metrópoles brasileiras atualmente - ainda há uma criminalidade sem controle na cidade; degradação urbana e desrespeitos incontáveis aos cidadãos. Enfim, as crônicas de Maria parecem ter ‘driblado’ o seu destino. Seu autor partiu, mas, junto com algumas de suas memórias, elas ficaram.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, Bronislaw. Imaginário Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Vol 5. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.
- BRAGA, Rubem. **Ai de ti, Copacabana**. 21 Ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CÂNDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CÂNDIDO [et. al]. **A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- O CRUZEIRO**. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica 'O Cruzeiro'. Ano 1, n.1(10 nov.1928).
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. 6 Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- O GLOBO**. Rio de Janeiro, Jan/1954 a Jan/1958.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. 3 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- O JORNAL**. Rio de Janeiro, Jan/1950 a Jan/1953.
- LEGOFF, Jacques. Memória. In: LEGOFF. **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, [1984].
- _____. As Mentalidades: uma história ambígua. In: LEGOFF/NORA. **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- MARIA, Antônio. **Crônicas**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- MATTOS, Ilmar R (org). **Ler e Escrever para Contar**. Rio de Janeiro: Access, 1998.
- MESQUITA, Samira Nahid de. **O Enredo**. São Paulo: Ática, 1986 [Série Princípios].
- NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CÂNDIDO [et. al]. **A Crônica: O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares. In: **Projeto História: História e Cultura**. São Paulo: PUC-SP/PPGH, n° 17(dez. 1993).
- PECHMAN, Robert M. **Olhares sobre a Cidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- RESENDE, Beatriz (org). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo: Ática, 2 ed., 1985 [Série Princípios].
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Antônio Maria**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará / Prefeitura Municipal, 1996.

_____.(org). **O Diário de Antônio Maria.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Benditas Sejam as Moças.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Feliz 1958:** O ano que não devia terminar. 6 Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ÚLTIMA HORA. Rio de Janeiro, Jan/1952 a Jan/1960

VELHO, Gilberto. **A Utopia Urbana.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.